

ENTRE A LÍNGUA E A FALA SAUSSURIANAS: ESPAÇO DE SURGIMENTO E DESDOBRAMENTOS DAS TEORIAS FUNCIONALISTAS, ENUNCIATIVAS E DISCURSIVAS NO CAMPO DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA

*BETWEEN SAUSSUREAN LANGUAGE AND SPEECH: SPACE OF
EMERGENCE AND DEVELOPMENTS OF FUNCTIONAL, ENUNCIATIVE,
AND DISCURSIVE THEORIES IN THE FIELD OF LINGUISTIC SCIENCE*

Lavoisier Almeida dos Santos

Pós-Doutor em Linguística e Literatura (PPGLL-UFAL)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2157875252712626>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5132-7343>

E-mail: lavoisierdealmeida@hotmail.com

Juliana Tereza de Souza Lima Araujo

Pós-Doutorado realizado no PPGLL/UFA

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2172370457058658>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7769-570X>

E-mail: jtslima@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo, a partir da história das ideias linguísticas, problematizar os limites e as possibilidades do corte epistemológico operado por Ferdinand de Saussure para o estabelecimento da Linguística no campo das ciências humanas e sociais. O mestre genebrino, no intuito de garantir o estatuto de cientificidade da Linguística moderna, estabeleceu o objeto desta dicotomizando língua e fala, sistema e uso. Defende-se, pois, que, ao estruturar os estudos linguísticos, elegendo a língua/sistema em detrimento da fala/uso, Saussure (2012) não somente operou o corte que instituiu a Linguística como ciência mestra das ciências humanas e sociais, mas também excluiu do campo da cientificidade o sujeito e, juntamente com ele, a história e a ideologia, abrindo, assim, uma fissura no campo dos estudos linguísticos. Aponta-se, como resultado central da reflexão, que, no projeto teórico saussuriano, o espaço existente entre a Língua, enquanto sistema, e a Fala, enquanto uso concreto da linguagem que abre espaço para essa referência da realidade histórica, é o locus propício/necessário para o surgimento dos Funcionalismos linguísticos e das Teorias enunciativas e discursivas. Entende-se, pois, que, em alguma medida, todas essas vertentes teóricas emanaram do esforço epistemológico de se compreender como se processa, na esteira da ciência linguística e - de forma mais ampla - no bojo das ciências humanas e sociais, a passagem da língua para fala, do sistema para o uso, da abstração teórica para a concretude histórica das práticas linguísticas dos humanos em sociedade.

Palavras-chave: Ciência linguística. História das ideias linguísticas. Teorias linguísticas.

Abstract: The present article aims to problematize the limits and possibilities of the epistemological cut established by Ferdinand de Saussure for the establishment of Linguistics within the field of human and social sciences, based on the history of linguistic ideas. In order to ensure the scientific status of modern Linguistics, the Geneva master established its object by dichotomizing language and speech, system and usage. It is argued, therefore, that in structuring linguistic studies by choosing language/system over speech/usage, Saussure (2012) not only made the cut that established Linguistics as the master science of human and social sciences but also excluded the subject, history, and ideology from the realm of scientific inquiry, creating a rift in the field of linguistic studies. The central result of this reflection is that, in Saussurian theoretical framework, the space between Language as a system and Speech as the concrete usage of language, which allows for the referencing of historical reality, is the suitable/necessary locus for the emergence of linguistic functionalisms and enunciative and discursive theories. It is understood, therefore, that to some extent all these theoretical approaches have emerged from the epistemological effort to comprehend how the transition from language to speech, from system to usage, from theoretical abstraction to the historical concreteness of linguistic practices among humans in society occurs within the realm of linguistic science and, more broadly, within the field of human and social sciences.

Keywords: Linguistic Science. History of linguistic ideas. Linguistic usages.

Introdução

Como posto pelo próprio Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral*, definir o objeto real da ciência linguística é uma tarefa genuinamente árdua e complexa: “Qual o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística? A questão é particularmente difícil (Saussure, 2012, p. 38). Ao estruturar os estudos linguísticos, dicotomizando a língua e a fala, o pai da Linguística Moderna abriu uma fissura no campo dos estudos linguísticos e das próprias ciências humanas e sociais. Dessa fissura, iriam surgir posteriormente o Funcionalismo linguístico, a Teoria da Enunciação e a Análise do Discurso (AD).

Considerando com Fiorin (2011) que a Enunciação, enquanto instância de mediação entre a língua e a fala, surgiu da preocupação de Emile Benveniste entender como acontecia, entre os sujeitos falantes, a passagem da língua – “[...] sistema supraindividual que a sociedade impõe ao falante” (Petter, 2020, p. 14) - para fala – “[...] ato individual [que] resulta das combinações feitas pelo sujeito falante utilizando o código da língua” (Petter, 2020, p. 14), temos como objetivo, neste artigo, discutir epistemologicamente o espaço existente entre a língua e a fala saussurianas como o *locus* necessário para o surgimento do Funcionalismo linguístico, da Teoria enunciativa e da AD na ciência linguística.

Nesse sentido, dando ênfase ao contexto epistemológico no qual surgiu a Linguística moderna – enquanto ciência mestra das ciências humanas e sociais - transitaremos, nas linhas que seguem, nos limites da teoria de Ferdinand de Saussure no que diz respeito à língua e à fala, tensionando-os com as categorias teóricas de sujeito e atos de fala presentes na teoria Enunciativa, enquanto instância de mediação entre a língua e a fala para o sujeito enunciador; com o conceito de funções da linguagem do Funcionalismo linguístico com seu postulado de que a língua naturalmente cumpre a função de comunicar; e com as categorias de ideologia, sujeito, formação discursiva e ideológica presentes na Análise do Discurso pecheutiana, enquanto teoria que pensa o sujeito, a história, a ideologia e a língua imbricados no processo linguístico.

Ferdinand de Saussure: demarcações teóricas entre o Sistema e o Uso

Saussure (2012), filiado à perspectiva teórica de Émile Durkheim (1983), institui o estatuto científico da linguística constituindo a língua, em detrimento da fala e em distinção com a linguagem, como objeto de estudo da ciência linguística. Nesse sentido, é importante destacar como são apresentadas a língua e a fala em seu *Curso de Linguística Geral*:

[...] mas o que é a língua? Para nós ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação (SAUSSURE, 2012, p. 41).

Nesse sentido, como apontado por Fiorin (2020, p. 166), “Saussure dizia que o verdadeiro objeto da Linguística era a língua e, para ele, a língua era a linguagem menos a fala, ou seja, menos o uso concreto da linguagem”. Saussure (2012), tendo como preocupação central garantir à língua o *status* de objeto científico e, à Linguística, o estatuto de Ciência, pensa a Linguística Moderna nos moldes do estruturalismo, caracterizando a língua como um fato social no sentido atribuído por

Durkheim (1983, p. 100):

Devemos, portanto, considerar os fenômenos sociais em si mesmos, desligados dos sujeitos conscientes que, eventualmente, possam ter suas representações; é preciso estudá-los de fora, como coisas exteriores, porquanto é nesta qualidade que eles se nos apresentam. Se esta exterioridade não é senão aparente, a ilusão dissipar-se-á à medida que a ciência for avançando.

Durkheim (1983) assume o ideário positivista da objetividade da ciência e apresenta a necessidade de se extinguir o sujeito e suas marcas do método da sociologia. Por isso, o fato social deve ser considerado como coisa, “[...] *suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; [...] tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais*” (Durkheim, 1983, p. 92-93, grifos do autor). A análise do fato social, nessa perspectiva, só se dará como científica - livre das impressões do sujeito. Apropriando-se dessa perspectiva, Saussure (2012, p. 46, grifos nossos) caracteriza a língua, objeto científico da Linguística, da seguinte forma:

1ª- Ela [a língua] é a parte social da linguagem, *exterior ao indivíduo*, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; [...] Por outro lado, *o indivíduo tem necessidade* de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento; [...] A língua é uma *coisa* [...]. 2ª- A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente. [...]. 3ª- Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos em que, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e em que as duas partes do signo são igualmente psíquicas. 4ª- A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta [...]. Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, *ratificadas pelo consentimento coletivo* e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro.

No terceiro capítulo do *Curso de Linguística Geral*, Ferdinand de Saussure apresenta o objeto da linguística, a língua, com as mesmas características atribuídas por Émile Durkheim ao fato social, objeto científico da sociologia. Nesse sentido, Saussure define a língua como uma coisa, de dimensão coletiva, coercitiva ao indivíduo e independente deste. Ao afirmar a língua como coisa, coloca-se a perspectiva metafísica de que a língua é algo simples - não complexo no sentido de formar uma unidade - homogênea, transparente, podendo ser estudada nela mesma, em sua concretude psíquica, sem referência à realidade material.

Não estamos afirmando, aqui, que Saussure (2012) desconhece ou nega uma dimensão de referência material da linguagem, mas sim que, para o autor, a “língua” não tem essa dimensão, pois o que ele chama de “natureza concreta da língua” é uma realidade presente no cérebro e não na realidade concreta da história com suas relações sociais contraditórias. A linguagem, por sua vez, abrindo espaço para essa referência da realidade histórica, não pode compor o objeto científico da ciência linguística.

No desejo de deixar posta a objetividade científica da linguística moderna, Saussure expurga de seu objeto científico, ou seja, da língua, toda e qualquer marca da subjetividade que possa, em termos estruturalistas, deixar escapar da Linguística moderna algum resíduo ideológico, não científico. É nesse sentido que Saussure apresenta a dimensão coletiva da língua que precisa, para se constituir - em seu conjunto de signos linguísticos - da confirmação do consentimento coletivo, apresentando-se como exterior e coercitiva ao indivíduo que, na perspectiva de Saussure (2012, p. 46), “[...] por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; [e] Por outro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento”.

Seguindo, à risca, o método proposto por Durkheim, Saussure opõe língua e fala, afastando

da linguística o sujeito, ou qualquer marca da subjetividade, a história e a ideologia para, assim, garantir, em termos estruturalistas, o estatuto científico da linguística, purificando-a de qualquer resíduo ideológico, ou seja, de qualquer marca não científica produzida pelo sujeito.

Roman Jakobson e o Funcionalismo linguístico: transitando epistemologicamente no espaço existente entre a Língua e a Fala

Retomando a perspectiva teórica de entender o espaço existente entre a língua e a fala saussurianas como *lócus* necessário/propício para o surgimento de várias vertentes/abordagens teóricas ligadas à ciência linguística, vamos continuar as discussões aqui ensejadas, abordando o funcionalismo linguístico e seu esforço de trabalhar teoricamente a passagem do sistema para o uso, da língua para fala, trazendo de volta para o campo dos estudos linguísticos o sujeito e a linguagem em seu uso concreto no cotidiano dos falantes, evidenciando a função da linguagem nos processos de comunicação realizados pelos humanos.

Entendendo que o Funcionalismo no campo dos estudos linguísticos não é constituído por uma teoria ou abordagem una/homogênea, mas sim por uma variedade de modelos teóricos que se organizam em torno da concepção da linguagem tida como “[...] instrumento de interação social, com propósitos comunicativos, as expressões linguísticas devem ser consideradas em circunstâncias efetivas de interação verbal” (Pezatti, 2011, p. 173), pontuaremos, aqui, suas principais vertentes teóricas sistematizadas a partir do Funcionalismo europeu e do Funcionalismo norte-americano.

Daquele, juntamente com Cunha (2022, p. 159-165), destacamos Nikolaj Trubetzkoy, Roman Jakobson, Jan Firbas e André Martinet, pertencentes ao Círculo de Praga; Charles Bally, Albert Sechehaye e Henri Frei, partícipes da Escola de Genebra; e, por fim, Michael K. Halliday, expoente da teoria funcional da década de 1970, centrada em um conceito amplo de função e na ideia de que a natureza da linguagem, enquanto sistema semiótico, e o seu desenvolvimento em cada indivíduo precisam ser estudadas no contexto dos papéis sociais que cada indivíduo desempenha nos diversos processos sociais.

Deste, ainda com Cunha (2022), destacamos como principais representantes Gillian Sankoff e Panelope Brown com o texto *The origins of Syntax in Discourse* de 1976; Talmy Givón com a publicação *From Discourse to Syntax* de 1979 – texto explicitamente antigerativista, cuja ideia central é que a sintaxe existe para desempenhar uma certa função e é justamente essa função que determina seu *modus operandi*; destacam-se ainda, no funcionalismo norte-americano, Sandra Thopson e Paul Hopper. Conforme posto por Cunha (2022, p. 163), o postulado central dessa vertente funcionalista é de que “[...] há uma forte vinculação entre discurso e gramática: a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização e informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva”.

Diante da influência do esquema comunicacional e da teoria das funções da linguagem de Roman Jakobson no ensino de Língua Portuguesa no Brasil, haja vista que *Comunicação/Expressão/Funções da Linguagem* é conteúdo curricular do Ensino Médio, sendo cobrado no próprio Exame Nacional dessa etapa educacional (Enem) e em vários concursos de nível médio, daremos maior destaque, em nossa abordagem, à vertente teórica do referido autor com a sua teoria de que a linguagem precisa ser estudada a partir dos usos dos falantes em meio aos processos de comunicação:

A linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções. [...]. Para ter uma ideia geral dessas funções, é mister uma perspectiva sumária dos fatores constitutivos de todo processo linguístico, de todo ato de comunicação verbal. O *remetente* envia uma *mensagem* ao *destinatário*. Para ser eficaz, a mensagem requer um *contexto* a que se refere (ou “referente” [...]), apreensível pelo destinatário e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um *código* total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário [...]; e, finalmente, um *contato*, um canal físico e uma conexão

psicológica entre o remetente e o destinatário, que capacite ambos a entrar e permanecer em comunicação (Jakobson, 2010, p. 156, grifos do autor).

Além da questão do “Uso” no campo dos estudos linguísticos, outro elemento importante da teoria da comunicação de Roman Jakobson é o retorno do sujeito às operações da ciência linguística, defendendo a importância de se levar em conta, no esquema comunicacional da linguagem, os elementos emotivos do discurso que constituem essencialmente a função emotiva cujo elemento de referência, dentre os fatores constitutivos de todo processo linguístico da comunicação é, segundo o autor, o remetente, isto é, o sujeito emissor. Seguindo essa perspectiva, o referido autor advoga em favor da presença do sujeito na ciência linguística:

Os elementos emotivos do discurso, que, como se inclina Joos a acreditar, não podem ser descritos “por meio de um número finito de categorias absolutas”, são por ele classificados “como elementos não linguísticos do mundo real”. Destarte, “para nós, eles permanecem fenômenos vagos, proteicos, flutuantes”, conclui Joos, “que nos recusamos a tolerar em nossa ciência”. Joos é verdadeiramente um especialista brilhante em experimentos de redução, e sua exigência enfática de uma “expulsão” dos elementos emotivos “da ciência linguística” constitui um experimento radical de redução – *reductio ad absurdum* (Jakobson, 2010, p. 155 - 156, grifos do autor).

Roman Jakobson advoga a favor do sujeito na ciência linguística, defendendo a importância de se levar em conta, no esquema comunicacional da linguagem, os elementos emotivos do discurso que constituem essencialmente a função emotiva da linguagem.

Pensar a emotividade dentro da reflexão funcionalista da linguagem, trazendo para a ciência linguística os elementos da subjetividade a partir do “Eu lírico” e considerar para a linguagem em seu uso, como posto na teoria comunicacional de Jakobson, são dois movimentos de suma importância para o início do entendimento de como se processa, nos estudos linguísticos, a passagem da língua para a fala - do sistema abstrato, fechado em si mesmo, para o uso cotidiano. Entendemos que aqui há limitações sobre a concepção de sujeito e acerca da dita transparência da linguagem, contudo é um marco teórico para o avanço do entendimento mais amplo das práticas languageiras da humanidade.

Émile Benveniste e as teorias da Enunciação: transitando epistemologicamente no espaço existente entre a Língua e a Fala

Trazemos agora à discussão as teorias enunciativas que surgem também em meio a esse contexto teórico de tentativa de superação da dicotomia saussuriana língua/fala, de se entender como se processa, no campo da ciência linguística, a passagem do sistema para o uso e, por consequência, de como retomar teoricamente o sujeito para a realização de sua reintrodução no campo científico da linguística.

Entendemos, aqui, que a Linguística da Enunciação, semelhante ao Funcionalismo linguístico, não se constitui em um bloco homogêneo de teorias linguísticas, mas sim em vertentes teóricas que, conforme posto por Paveau e Sarfat (2006, p. 173) “[...] têm por fundamento comum uma crítica à linguística da língua e um desejo de estudar os fatos de ‘fala’: a produção de enunciados por locutores na situação real de comunicação”.

Nessa perspectiva, juntamente com Flores e Teixeira (2021, p. 8) consideramos como constituintes da Linguística da Enunciação: as teorias de Charles Bally, o primeiro pós-saussuriano; Roman Jakobson, o linguista da comunicação; Émile Benveniste, principal representante do que se convencionou chamar de “Teoria da Enunciação”; Mikhail Bakhtin com o princípio dialógico da linguagem que pressupõe a enunciação; Oswald Ducrot e as questões referente à polifonia, à argumentação e à enunciação; Jacqueline Authier-Revuz com a perspectiva teórico-analítica da

transparência à opacidade da língua. Afirmamos e ressaltamos a importância desses autores para o avanço e amadurecimento da ciência linguística, bem como para ampliação e complexificação de seu objeto. Contudo, por uma limitação de espaço/tempo, delimitação teórica e devido ao lugar ocupado por Émile Benveniste na construção da Linguística da Enunciação, daremos destaque a esse autor em nossa abordagem:

Émile Benveniste talvez seja o primeiro linguista, a partir do quadro do estruturalismo, a desenvolver um modelo de análise voltado à enunciação. O lugar desse autor é singular no contexto histórico em que suas reflexões foram produzidas: o apogeu do estruturalismo nas ciências humanas como método rigoroso de análise de fenômenos antes excluídos da investigação científica (Flores; Texeira, 2021, p. 29).

Benveniste (2005) não desconsidera o sujeito nas operações teóricas da linguística, propondo, por meio do fundamento linguístico da subjetividade, o fim da dicotomia saussuriana sociedade-indivíduo/língua-fala/ sistema-uso. A subjetividade, para Benveniste, estaria instaurada na tomada de consciência de si mesmo, realizada pelo indivíduo no ato enunciativo:

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de “ego”. A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo) mas como unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência. Ora, essa “subjetividade”, quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É “ego” que *diz ego*. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo *status* linguístico da “pessoa” (Benveniste, 2005, p. 286, grifos do autor).

A teoria da enunciação traz à tona um sujeito, aos moldes da filosofia existencialista, que, como observa Geraldi (2009, p. 14), é “origem e centro de referência de seu dizer”, não tendo relação ontológica com o social, com a história e com a ideologia. Para essa vertente teórica, a ausência do sujeito nas operações linguísticas é uma regressão teórica absurda. Contudo, o sujeito aqui defendido é o sujeito da linguagem, apartado das reais condições de sua existência, que, na perspectiva de Benveniste, tem o fundamento ontológico na operação psicológica da tomada de consciência de si:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha locução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne um *tu* na locução daquele que por sua vez se designa por eu (Benveniste, 2005, p. 286, grifos do autor).

Enquanto Saussure faz uma releitura de Durkheim para fundar a linguística moderna, excluindo o sujeito de suas operações científicas, Benveniste se filia a uma tradição existencialista, trazendo à linguística a teoria da intersubjetividade, pensada por Martin Buber, em sua obra *EU e TU* (1923):

A palavra-princípio Eu-Tu só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão em um ser total não pode ser realizada por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O Eu se

realiza na relação com o Tu; é tornando Eu que digo Tu. Toda vida atual é encontro (Buber, 2006, p. 49).

Na perspectiva/releitura teórica benvenistiana, o sujeito, então, constitui-se na e por meio da relação intersubjetiva que é estabelecida no ato enunciativo, sem referência alguma às relações sociais nas quais se dão as relações linguísticas. Jakobson (2010, p. 26) também se inscreve nessa tradição, defendendo que “[...] qualquer discurso individual supõe uma troca”. Nesse sentido, o estatuto do sujeito e do discurso da linguística da enunciação é única e exclusivamente o estatuto da enunciação linguística:

A que, então, se refere o *eu*? A algo de muito singular, que é exclusivamente linguístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e *lhe* designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua (Benveniste, 2005, p. 288, grifos do autor).

Essa instância discursiva na qual o sujeito se constitui, por meio da interlocução enunciativa, é exclusivamente linguística sem referência às reais condições de produção do sujeito em sua práxis sócio-histórica, sendo, então, o fundamento da subjetividade da ordem da língua e não da história e o discurso, por sua vez, limita-se à troca de mensagens entre emissor e receptor, sendo, então, essa interlocução o problema fundamental da ciência linguística:

A teoria da comunicação parece-me uma boa escola para a linguística estrutural, assim como a linguística estrutural é uma escola útil para os engenheiros de comunicações. Penso que a realidade fundamental com que tem de se haver o linguista é a interlocução – a troca de mensagens entre emissor – receptor, entre remetente e destinatário, entre codificador e decodificador (Jakobson, 2010, p. 26).

A reintrodução da subjetividade, realizada por Benveniste e por Jakobson na ciência linguística, bem como o que aí se pensa sobre o discurso contribui para o avanço de uma concepção de ciência linguística que se ocupa com os usos linguísticos, mas não infere no real histórico das relações humanas, pois sujeito e discurso são tomados em um plano eminentemente linguístico, sem referência à ideologia, à história, às reais condições de produção e reprodução da vida social:

[...] em ambos [Saussure e Benveniste] uma teoria do sujeito não é explicitada. Se Benveniste passa para a história da disciplina como reintrodutor da questão do sujeito na Linguística, isto se deve ao fato de que Saussure foi lido como quem inaugurou sua exclusão da língua, remetendo a subjetividade para o espaço insuportável da fala. E neste lugar indesejável para ciência e para objetividade, encontram-se Saussure e Benveniste. Ao primeiro, porque se *lhe* atribui um sujeito da fala independente das constrictões da língua; ao segundo, porque se *lhe* atribui uma teoria metafísica do sujeito, origem e centro de referência de seu dizer (Gerald, 2009, p. 14).

Uma teoria materialista do sujeito e da linguagem, tendo por referência a história e as relações de produção e reprodução da vida social só viria se concretizar com a Análise do Discurso que, ao se estabelecer teoricamente, gera outra fissura no campo teórico da ciência linguística e, por consequência, das ciências humanas e sociais. É o que Possenti (2011), ao se referir à teoria do

discurso, vai chamar de “caso de múltiplas rupturas”.

Michel Pêcheux e as teorias do Discurso: ainda transitando epistemologicamente no espaço existente entre a Língua e a Fala

É importante destacar que vamos tratar aqui da AD pecheutiana, mas essa não é a única vertente teórica dentro dos estudos linguísticos no campo do discurso. Destacamos, pois, juntamente com Paveau e Sarfat (2006), pelo menos três vertentes teóricas da AD e apontamos para o dado que todas ocupam-se da ciência linguística, evidenciando os usos da língua dentro dos contextos sociais.

A primeira vertente a ser destacada é o projeto teórico de Michel Foucault (1926-1984) apresentado em *Arqueologia do saber* (1969). Nessa obra, Foucault desenvolve a noção de Formação Discursiva (FD) que terá desdobramentos tanto no projeto teórico de Michel Pêcheux, quanto no de Dominique Maingueneau. Neste, há o desdobramento da noção de arquivo; aquele toma a noção de FD por empréstimo somando a ela a ideia de Formação Ideológica. Segundo Paveau e Sarfat (2006, p. 206), “[...] Foucault quer interrogar as relações entre práticas discursivas e práticas sociais, e, nesse sentido, nem o pensamento, nem a língua constituem seu objeto”.

Outra vertente teórica que se ocupa com o discurso é representada pelo programa de análise do discurso de Dominique Maingueneau que postula, conforme Paveau e Sarfat (2006, p. 209) que “o discurso não deve ser pensado como um conjunto de enunciados abstratamente descontextualizado, mas como uma *prática* social, cultural, intelectual, técnica”.

A terceira vertente é representada pelo projeto teórico de Michel Pêcheux ao qual nos filiamos teoricamente e sobre o qual ainda iremos fazer algumas considerações. Conforme posto por Maldidier (2017, p. 22), não somente “[...] Saussure, mas também a ‘ciência linguística’ e a brisa que ela faz passar sobre o campo das ideias na França, Jakobson e a ‘revolução chomskiana’ estão no horizonte de Michel Pêcheux”. Para Pêcheux (2014a, p. 70), a concepção de sujeito da linguística enunciativa é consequência direta, mesmo que não pretendida conscientemente por Saussure, da exclusão do sujeito da ciência linguística moderna operacionalizada pela oposição saussuriana entre língua e fala, entre a dimensão individual e a social da linguagem.

Destacamos ainda uma quarta vertente da AD conhecida como Análise Crítica do Discurso/ Análise de Discurso Crítica (ACD)/(ADC) de vertente anglo-saxã que, como posto por Martínez (2012, p. 116), “[...] se desenvolveu internacionalmente no início da década de 1990, posteriormente à realização de um simpósio realizado em Amsterdã, do qual participaram autores tais como Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Teo van Leeuwen e Ruth Wodak”. Conforme Iñiguez (2004, p.119), “para ACD, o discurso é sobretudo uma prática social, já que não é uma representação ou reflexo dos processos sociais; ao contrário, seu caráter constitutivo é que é ressaltado”.

Voltando a discutir o projeto teórico da AD pecheutiana, é importante destacar que Michel Pêcheux vai pensar seu projeto teórico como um corte epistemológico nas ciências humanas e sociais, pois proporá para o campo da ciência linguística, ciência que até então era modelo paradigmático para as outras ciências, uma mudança de perspectiva teórica. Nesse sentido, Pêcheux (2014b, p. 84, grifo do autor) desloca a preocupação da ciência linguística da língua para o discurso, dando origem a “*teoria materialista do discurso*”, articulando-a com o Materialismo histórico-dialético e a Psicanálise:

Parece que há aqui uma dificuldade fundamental, presa à natureza do horizonte teórico da linguística, mesmo em suas formas atuais: pode-se enunciar-la dizendo que não é certo que o objeto teórico que permite pensar a *linguagem* seja uno e homogêneo, mas que talvez a conceitualização dos fenômenos que pertencem ao ‘alto da escala’ necessite de um deslocamento de perspectiva teórica, uma ‘mudança de terreno’ que faça intervir conceitos exteriores à região da linguística atual (Pêcheux, 2014a, 71-72).

Dessa forma, haveria como a linguística se sustentar com seu objeto uno e homogêneo, apartado da subjetividade e de suas reais condições de produção. Essa era uma questão que estava posta na constituição teórica da linguística e, por consequência, para tratá-la, fazia-se mister a realização de uma ruptura teórica. É assim que Pêcheux traz para os estudos linguísticos a presença de um sujeito que, no discurso, é afetado pela história, pela ideologia e pelo inconsciente.

Na *Análise Automática do Discurso* (AAD 69), Michel Pêcheux apresenta o novo objeto de estudo da ciência linguística, cuja análise precisaria da intervenção de elementos e de conceitos advindos de outras regiões científicas que não a da linguística:

Nosso propósito [...] é definir os elementos teóricos que permitem pensar os processos discursivos em sua generalidade: enunciaremos a título de proposição geral que *os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento* mas com a condição de acrescentar imediatamente que *este funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual desse termo*, e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismos que chamamos 'condições de produção' do discurso (Pêcheux, 2014a, 78, grifos do autor).

Pêcheux compartilha do pensamento linguístico estruturalista de seu tempo no que diz respeito à existência de um funcionamento discursivo, porém esse funcionamento não se daria apenas linguisticamente na enunciação. Os mecanismos que colocam os processos discursivos em funcionamento não são meramente linguísticos como defendia Jakobson (2010, p. 157) em seu esquema comunicacional, no qual há um funcionamento transparente da língua cuja lógica se daria em um movimento linear de transmissão de informação entre remetente e destinatário. Na perspectiva de Pêcheux (2014a, p. 81, grifos do autor):

[...] o termo *discurso* [...] implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral de um 'efeito de sentidos' entre os pontos A e B. [...] Fica bem claro, já de início, que os elementos A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais. Se o que dissemos antes faz sentido, resulta dele que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do "patrão" (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário são marcados por propriedades diferenciais determináveis. Nossa hipótese é de que esses lugares estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo.

Os mecanismos linguísticos, pois, que operacionalizam a vida dos humanos em sociedade estão ligados às condições de produção que nos remetem ao social, ao econômico e ao histórico. Sendo assim, Pêcheux (2014a, p. 78, grifos do autor) adverte: "é impossível analisar um discurso [...] como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas é necessário referi-lo *ao conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção".

Ao abordar a categoria das condições de produção para entender os processos discursivos, Pêcheux amplia o horizonte teórico da ciência linguística, trazendo para o debate científico um novo conceito de discurso e de sujeito que nos possibilita trabalhar as práticas linguageiras humanas na concretude de seu uso histórico.

Considerações Finais

Nosso objetivo, neste artigo, não foi apresentar uma hierarquia de valor entre as vertentes teóricas da ciência Linguística, mas sim mostrar momentos epistemológicos distintos na história das ideias linguísticas, destacando que cada corrente demarcou um espaço significativo para o entendimento das práticas linguísticas desenvolvidas pelos humanos.

Como problematizado por Volóchinov (2018), em *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas do método sociológico na ciência linguística*, há limites teóricos gerados pelo alcance do método sociológico aplicado à Linguística científica. Contudo, precisamos destacar e pagar tributo ao mestre genebrino, pois foi o corte teórico, operado por Saussure (2012), que possibilitou o estabelecimento da Linguística no campo das ciências humanas e sociais, garantindo para essa o estatuto epistemológico de ciência moderna e, com isso, sua institucionalização com a possibilidade da criação de laboratórios, grupos de pesquisa, financiamento para as pesquisas desenvolvidas dentre outras benesses que serviram para o próprio desenvolvimento de linhas de estudos com referenciais teóricos outros.

Pensamos, então, que Saussure (2012), ao eleger a língua em detrimento da fala, gerou uma fissura não somente na ciência linguística, mas também em todo o campo das Ciências Humanas e Sociais, tornando-se, então, essa fissura um *lôcus* teórico privilegiado para o desenvolvimento da história das ideias linguísticas em busca do entendimento dos usos concretos da linguagem humana.

É desta forma que entendemos que surgiram as teorias linguísticas do funcionalismo, da enunciação e do discurso. Em alguma medida, de alguma forma e sob algum ângulo, todas essas vertentes teóricas emanaram do esforço epistemológico de se compreender como se processa, na esteira da ciência linguística e - de forma mais ampla - no bojo das ciências humanas e sociais, a passagem da língua para fala, do sistema para o uso, da abstração teórica para a concretude histórica das práticas linguísticas dos humanos em sociedade.

Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BUBER, Martin. **EU e TU**. Tradução: Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.) **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro et al. 2. ed. São Paulo: Abril cultural, 1983.

FIORIN, José Luiz. **Enunciação**: Conceito de enunciação. Youtube, 14 de dez. de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RQzJaFYiqhc>. Acesso em: 12 jun. 2022

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à Linguística I**: Objetos teóricos. 6 ed. São Paulo: Contexto 2020.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino**: exercício de militância e divulgação. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

IÑIGUEZ, Lupicinio. Análise do Discurso nas ciências Sociais: fundamentos, conceitos e modelos. In:

IÑIGUEZ, Lupicinio. **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Tradução: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do Discurso: (Re) ler Michel Pêcheux hoje**. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editora, 2017.

MARTÍNEZ, LFP. Origem da análise de discurso crítica (ADC) e principais elementos teóricos. In: **Questões sociocientíficas na prática docente: Ideologia, autonomia e formação de professores** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2012, pp. 112-119.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. Tradução: M. R. Gregolin et al. São Carlos: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução: Bethania S. Mariani. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014b.

PETTER, Margarida. Linguagem, Língua e Linguística. In: FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à Linguística I: Objetos teóricos**. 6 ed. São Paulo: Contexto 2020.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em Linguística. In: MUSSALM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Tradução: Antônio Chelin et al. 28. ed. São Pulo: Cultrix, 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018.

Recebido em 21 de dezembro 2024

Aceito em 15 de julho de 2025